

# NOVIDADES LITTERARIAS



*Julio Cesar Machado.*

*Mil e Uma Historias*



SOPA DE PEDRA

O PEIOSA



AS CARTAS DO CONSELHEIRO



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Julio Cesar Machado, sempre novo, sempre jovial, sempre portuguez, vem de mimoscar as letras com uma profusa batelada de formosissimos contos, d'aquelles contos despretenziosos, rapidos, cheios de boa graça e de fina observação, genero de litteratura puramente nacional, de que Julio Cesar Machado tem ha vinte annos o privilegio exclusivo, como o homem de Belem tinha o segredo dos famosos pasteis de nata, cujo desaparecimento a nossa gulodice hade saudosa carpir eternamente.

E saudoso tambem andava o nosso espirito d'esse bello acepipe litterario que só Julio Cesar Machado sabe condimentar e de que as *Mil e uma historias* nos trazem provisào para mil e uma gargalhadas.

## Por ahí...



Os piratas chinezes, de que o ultimo numero dos *Pontos nos II* se occupou, produziram sensação em Lisboa.

De natural assustadiço e timorato, o indígena não podia receber com indifferença a noticia de que nem menos de vinte e cinco bandidos tinham andado por esses mares da China roubando e matando, tirando vidas e lenços de assoar, a menos cautos navegadores.

— Olhem que brincadeira! commentava-se no seio das familias; em que estado de selvageria se conservam os taes mares da China que ninguem pode passar ali a deshoras sem risco de cair nas unhas dos piratas!

E toda a gente tremeu só com a idèia de ter algum dia de fazer caminho pelos mares da China.



Na mesma occasião em isto se passava, davam os jornaes noticia de que em Lisboa, ás sete horas da tarde, no descampado da rua Formosa, um sujeito que por ali transitava descuidoso fôra assaltado por dois gatunos, um dos quaes lhe apertára as guellas em geito de estrangulal-o, ao passo que o outro se tingava, levando-lhe a corrente do relógio, a medalha adstricta, e a miniatura photographia com a respectiva trancinha de cabello loiro que faziam parte integrante da adstricta medalha!



E o indígena, e a policia, e os tribunaes, de assarpantados que andavam com o caso esporadico de se haverem descoberto vinte e cinco piratas que assaltavam os navegantes nos mares da China, nem de leve se preocuparam com este caso tão familiar — chamemos-lhe assim — de dois bandidos que saltciam os transeuntes em plenas ruas de Lisboa!

O que faz o habito!...



No genero crimes mereceu mais a attenção publica o caso d'aquelle marido que esfaqueou a mulher — uma guapa femea, ao que se diz — pela razão de ella não estar disposta a continuar sustentando-lhe as extravagancias, visto como era ella quem trabalhava e elle quem andava á boa vida.

Attentas as transformações radicaes porque tem passado a sociedade moderna, não vemos lá grande motivo no caso sujeito para o espanto dos contemporaneos.

Antigamente era o marido quem accudia ás urgencias da vida e a mulher cumpria apenas cocupar-se dos negocios caseiros: tratar da comida, limpar a casa e cozer a roupa do marido.

Logo, porém, que a mulher deixa de cozer o marido e passa a ganhar a vida para a alimentação do casal, parece-nos coherentissimo que o marido abandone os trabalhos rudes e se consagre a cozer a mulher — ao menos de facadas...

Fica tudo na familia.



Recapitulando o incidente parlamentar travado entre o sr. padre Alfredo Brandão e o sr. Consiglieri Pedrosa temos a alegria incfavel de communicar aos nossos seis mil leitores que tudo ficou em agua de bacalhau.

(A agua de bacalhau é para os incidentes parlamentares o mesmo que o óleo de fígado do mesmo peixe é para os escrofulosos: um miraculoso salvaterio.)

O sr. Alfredo Brandão, principiou por atirar pasada que te parto no seu adversario politico, mas acabou por uma solução cordata que veio estabelecer a paz geral.

Primeiro: pás! pás! depois: paz... paz...

Coherencia de principios e coherencia de fins.



Já que vamos em maré de boas novas, annunciemos tambem aos nossos leitores que nos ultimos trez quartos de hora não houve descarrilamento algum nas linhas do caminho de ferro de norte e leste.

Ainda bem, porque a recente successão de desastres d'aquella ordem começava a suscitar no publico a justificada apprehensão de que as linhas do caminho de ferro não eram *linhas*; eram novellos e meadas, onde tudo andava pelo pó do gato.

Mancira pratica de viajar no caminho de ferro de Torres: o crodo na bocca e, na mala, um Bortalinho de cera para offerecer a S. Bartissol.



Quando isto é na linha, ao ar livre, o que será o tunnel lá debaixo da terra?...

E' d'uma pessoa ficar debaixo da terra.



O *Rogério Laroque* está fazendo as delicias dos espectadores de D. Maria, e cumulativamente as delicias da empresa do mesmo theatro.

Delicia a dois.

Como estimulante da lagrima, o *Rogério Laroque* leva a palma a meia duzia de cebolas picadas para refogado.

As meninas sentimentaes que se socorriam a este ultimo expediente no intuito de, com pranto artificial, cavarem as olheiras que tão bem lhe assentam no parecer, encontram no *Rogério Laroque*, um fautor de prantos muito superior a um caixote de cebolas.

E d'ahi se justifica o reccio d'uma sensivel baixa no mercado d'aquelle genero.



O Carvalho das cebolas deve andar como uma bicha!



Quasi todas as noites succede, no ultimo quadro do *Rogério Laroque*, falharem os tiros de revolver aos quaes esta incumbido dar cabo de um dos personagens.

Para que tal incidente se não repita, recommendamos á empresa o expediente de que se servia o *Alho de Mattaçães* para que não falhassem os phosphoros; antes de mandarem o revolver para a scena experimentem previamente todas as cargas; as que falharem, deitem-n'as fóra — e aproveitem depois as outras cujo effeito estiver garantido pela experiencia. . .

Uma das coisas que fez grande impressão no publico foi a quantidade enorme de personagens annunciados nos cartazes para o desempenho de *Rogério Laroque*.

Logo porém nos primeiros quadros d'aquelle drama o publico comprehendeu que, á quantidade de mortes a que a peça é obrigada, não são demais todos aquelles personagens.

Parece a historia das doze irmãs, em que foi dando o *trancomanco* n'ellas até se acabar a geração.

Ao *Rogério Laroque*, se não mettesse tanta gente, acabava-se-lhe a geração a meio caminho. Diz-se até que — á semelhança das cantinas improvisadas que se estabelecem nos locais rapidamente transformados em centros populares; — diz-se até que, em vista do numero avultado de mortes que se dão no *Rogério Laroque*, o Montes cangalheiro pensa em estabelecer nos bastidores de D. Maria uma succursal do seu estabelecimento funerario.

Deve ganhar bem bom dinheiro, porque os funeraes são tantos que não lhe dão tempo nem para se coçar!



Decididamente as glorias theatraes vão de feição para os pequeninos.

As honras do *Rogério Laroque*, de que vimos de falar, sabem a pequena Libania, um genio theatral que ainda não marca sete annos no assento parochial dos nascimentos.

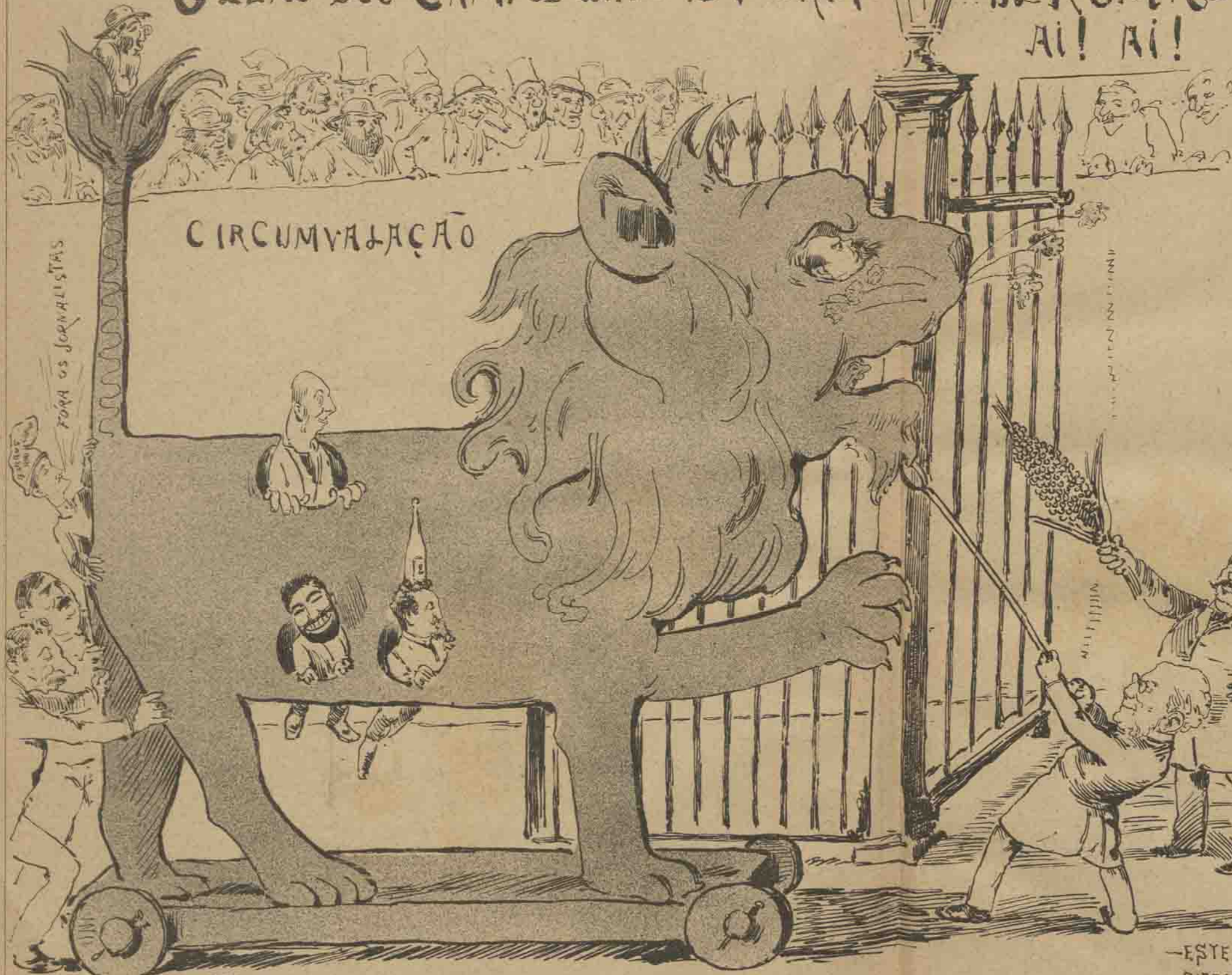
O Coliseu, por seu turno, acaba de se cacher tres noites a fio — e sabe Deus quantas mais virá a encher-se — mercê da apparição da familia Colibri, uma familia microscopica, de algibeira de colete, mas a que o publico tributa as honras devidas aos artistas mais avantajados.

Este phenomeno, já manifestado na politica, onde o sr. Correia de Barros, o *tambor-mór dos pequeninos*, está occupando mais ominente posto de que o proprio sr.



Gomes Netto, o *piloto-mór dos latagões*; este phenomeno acaba de estender-se até á vida do theatro, onde

# O CONGRESSO AGRICOLA O LEÃO DOS CAMPOS BATE ÀS PORTAS DE ROMA AI! AI!



RAPHAEL BORDALO PINHEIRO

O leão dos Campos, com toda a sua ferocidade, vem comer a mão dos domadores.

## O EPIPHANIO



Epiphany, para fugir ás assuadas dos rapazes, resolve penitenciar-se do seu desrespeito pela capa e batinha, passando elle proprio a adoptar aquelle pittoresco traje.



BRÁVO E BRÁVO

—ESTE LEÃO COLLEGA, É DE PINHO DA TERRA, COMO O CAVALLO DE TROIA.  
—DIRDO! E SE ELLE ROGE, EM TERMOS D'ASSARAPANTAR A CIDADE?...  
—OS LEÕES SÃO TODOS O MESMO, CÁ NA PARVONIA. POR MAIS QUE ELLES NÓS ROJAM, COM O ANDAR DO TEMPO, SEMPRE SE ROJAM.

os grandes artistas começam a ser apciados por collegas do palmo e meio.

De resto, o exito enorme da familia Colibri—abstrahindo mesmo a personalidade physica do sr. Correia de Barros—ha muito que directamente se relaciona com o exito dos nossos politicos mais notaveis.

Naquelle ar senhoril com que se apresentam os mais pequeninos dos liliputianos está a synthese escarrada dos mais eminentes vultos da nossa politica: magestosos no aspecto, insignificantes na essencia...



## Nos touros

A camara dos deputados discute ha quatro dias o proveito de se sellarem ou não os tecidos, como auxiliar da repressão do contrabando—medida esta em que o sr. Marianno de Carvalho tem esperanza, e o sr. Moraes do dito parece não ter nenhuma, por um discurso que lhe ouvi ha quatro dias. No dizer do Carvalho da fazenda, nenhum preventivo ha melhor do que a sellagem, para o contrabando; no dizer do Carvalho



da opposição, nada como a sellagem traz o vexame a industria, e difficulta o livre accesso de venda e compra no commercio a retalho. D'esta guerra entre arvores não vem a resultar outra moralidade que não seja a da assaz conhecida fabula do carvalho e do caniço.

Provavelmente um dos Carvalhos (é natural que seja o da fazenda, que não larga assim a pasta de ministro) ao soprar-lhe o tufão das bandas do Rato e da rua dos Fanqueiros, verga matreiro, a fazer de caniço, emquanto o outro fique de pé, barafustando ao vento, a dar-se ares de grande arvore corpulenta. Por meu lado, inscrevo-me pela sellagem. Não nos tocidos só. Mas entendel-a-hia, como preservativo de contrabando, a todos os productos da nossa sociedade, a começar pelos ministros, e a acabar nos cantoleiros. Que todos nós, mais ou menos, estamos a necessitar de ser sellados. Não affirmaria que o carimbo fosse o mesmo para todas as classes, industrias e aptidões. Sellar por exemplo os marquezes com o mesmo carimbo do que os toureiros, seria fazer violencia á aristocracia e á... natureza.



A lei deve escolher o sello, consoante os particulares de cada sellado. Tam pouco ella devia encarregar d'um tal serviço um pessoal fixo, escolhido e fardado a capricho dos grandes funcionarios da direcção geral das alfandegas. Que este exclusivismo é contraproducente e traz abominaveis vexames no futuro. Antes o sr. ministro da fazenda deveria outorgar, que tal ou tal corporação só devesse ser sellada por membros d'essa mesma corporação—que nada ha peor que um membro extranho no meio d'individuos já familiarisados com outros.

Lisboa teve já um governador civil que emprehen- deu esta grande obra de refinação social, começando a chapar os aguadeiros, os vendedores de cautellas e os gallegos da esquina. Quando se preparava a chapar os deputados, os estudantes da escola medica, suggeridos por S. Bento, pediram contra elle um exame de sanidade, e o colosso cahiu, martyr da sua propria ideia, com uma estampilha de larvado nas costas—vá sem dizer que um tanto ou quanto injustamente.

Sellar ou não sellar: eis a questão! Em plena batota contemporanea, á hora em que tudo se falsifica, o casamento e a farinha, propostas de lei e marcas de fabrica, a consciencia humana e o papel mata-borrão, os homens encarregados de policiar a felicidade dos povos tem obrigação moral de garantir a proveniencia, não só dos artigos de que o povo se veste e alimenta, senão d'aquelles porque se rege, e enfim de todos os que mais ou menos remotamente possam vir a influenciar nos seus destinos. Já nos prospectos da emulsão Scott e das pilulas suizas, os boticarios preveniam o publico das falsificações, com a sua grande voz de percursoros do sr. Marianno de Carvalho, mandando exigir o sello do fabricante, em preventivo contra os imitadores e os contrabandistas. O sr. ministro, que é pharmaceutico, não desaproveitou o conselho supra, e eil-o a applicar á fazenda publica as doutrinas fiscaes com que os D. Xaropes apodam a cloquencia da anafetida, na deliquiscencia dos ventres entupidos.

Não quero referir-me, entre outros, aos proveitos da sellagem em materias d'amor. Ah, quanto a isso, não ha-de ser do Algarve que o sr. Marianno oiça protectos! Que em materia de galanteria, amar é bom, quando a gente nove mezs depois, se gaba de haver escapado a algum d'estes dois contratemos—um menino de mais, ou um nariz de menos. Até os proprios namorados haveriam que lucrar co'a generalisação do sello ás aptidões postas em duvida, em alguma das partes... litigantes.

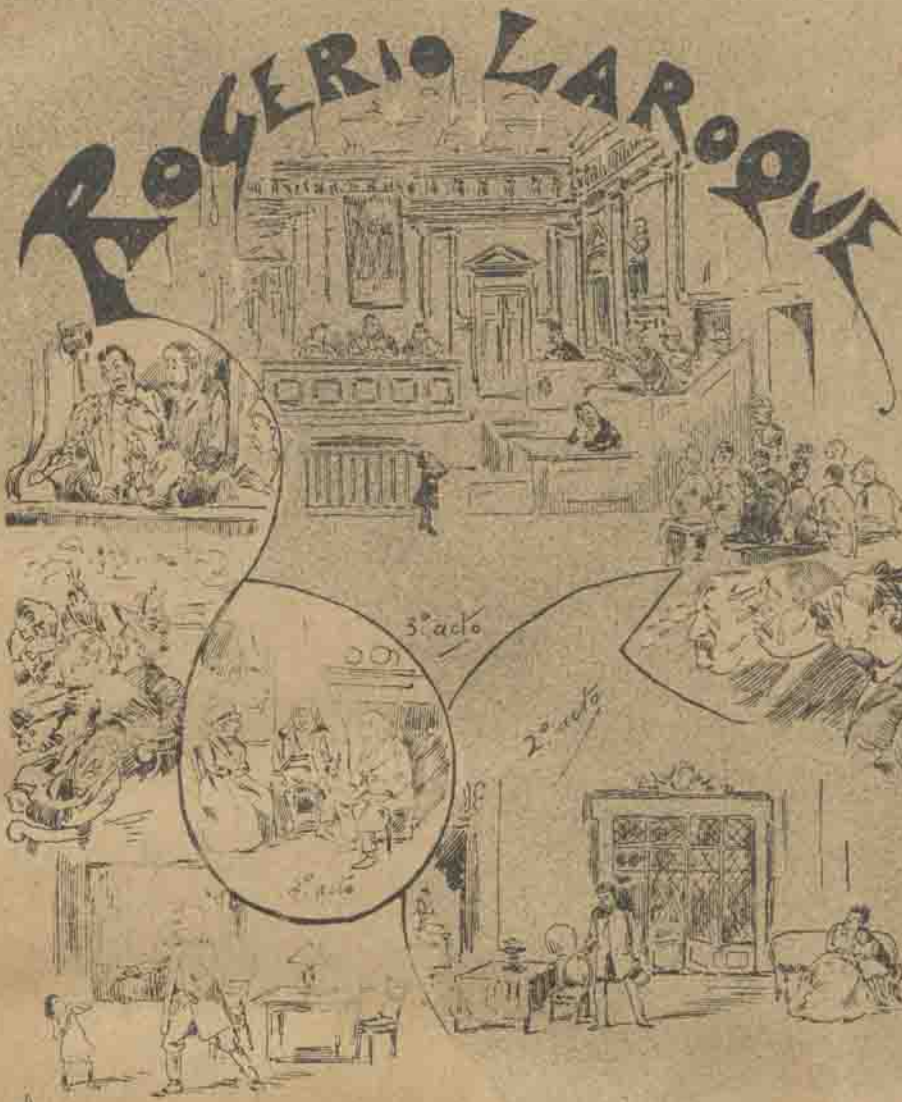
Por banda da noiva, diria por exemplo a tia Rosa:

—O teu Alfredo, não me parece pessoa lá de grandes qualidades... E' adamado, chóchinha; achô que nunca virá a ser bom pae de filhos!

E a namorada com força, desenrolado o attestado, para a tia:

—Oh não duvide! Elle é sellado.

Com os productos do talento, identicas certezas, vantagens identicas. Para não fallar senão nos dramaturgos—havendo a sellagem, escusavam as emprezas de theatro de subtilisar evasivas, para sem quebra de melindres, não levarem á scena originaes. Dramaturgo com sello, estivesse certo de por via da representação scenica, ir té á Gloria. Mesmo os mais simples! Porque finalmente, se uma carta vae com uma estampilha de 25 a toda a parte, porque é que um tolo, com uma de tostão, não ha-de ir...



Para tudo chorar, até os espectadores da scena do tribunal choram no palco.  
O proprio auctor da peça chora... de contentamento.



Para não errarmos, consultámos a opinião d'este maestro  
e elle disse-nos que a Lakmé era:  
—Um longo idyllo de amor!...  
Olaré!



Se algum dos gallegos da India que entram na peça soubesse do oficio de barbeiro, podia muito bem occupar-se do desbaste d'aquelles thesoiros copilares.



Tivemos a satisfação de ver n'uma opera a introdução do nosso  
capacinho — no corpo de baile.  
Está pois pegada a moça... nos sovacos das ballerinas.



Sobretudo dos que apresenta este cavallão magro, que e em magro  
o que a corista gorda e em gordo.

# A FAMILIA COLIBRI NO COLISEU



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

«Cresça e appareça», diz um velho ditado; pois a familia Colibri vem demonstrar que quanto menos se cresce mais sensação se produz quando se apparece.